



Memórias e percepções sobre o cinema de rua dos anos 1950 aos 1980 em Juiz de Fora¹

Gilberto Faúla Avelar Neto²

Universidade Federal de Juiz de Fora

Hyrla Lobo Tomé³

Universidade Federal de Juiz de Fora

Christina Ferraz Musse⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

Através das memórias é possível reconhecer a relevância em analisar os usos dos espaços de exibição cinematográfica, fazendo entender os processos sociais que marcaram o cinema de rua não só como um espaço de lazer, mas como um alinhador de comportamentos. O cinema de rua de Juiz de Fora diz muito sobre o momento político e social do período em que sobreviveu. O presente artigo tem como objetivo analisar as percepções sobre o cinema, em especial dos anos 1950 aos 1980, a partir das memórias resgatadas pelo método de história de vida realizado pelo projeto “Memórias Possíveis”. Recolhemos retratos de uma época, fruto da memória social, que nos convida a pensar as relações de sociabilidade nas cidades contemporâneas.

Palavras-chave: cinema; memória; sociabilidade.

Introdução

No final do século XIX, Juiz de Fora vivia intenso progresso econômico acompanhado pelo dinamismo cultural. Como destaca Musse, “No final do século XIX e

¹ Trabalho apresentado ao GT (6) – Cinema do XII Encontro Regional de Comunicação – Juiz de Fora (MG).

² Graduando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora e bolsista de Iniciação Científica do projeto Cidade e Memória: A construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual. É também integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura da Faculdade de Comunicação UFJF. E-mail: gilbertofaula@gmail.com.

³ Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora e bolsista de Iniciação Científica do projeto Cidade e Memória: A construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual. É também integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura da Faculdade de Comunicação UFJF. E-mail: hyrla.tome@gmail.com

⁴ Professora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. É orientadora do presente artigo e líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura da Faculdade de Comunicação UFJF. E-mail: musse@terra.com.br



início do século XX, Juiz de Fora é considerada como centro cultural do nascente estado de Minas Gerais” (MUSSE, 2008, p.92).

Diante dessas características, Juiz de Fora recebe em 1897 a primeira sessão de cinema de Minas Gerais. Conforme nos relata Vicente de Araújo, em *A bela época do cinema brasileiro*, a primeira exibição cinematográfica com um aparelho Lumière ocorreu na capital federal, em 15 de julho de 1897, pela Companhia Germano Alves da Silva que, no mesmo mês, visitou a Manchester mineira.

O cinema, a novidade responsável por encantar seus espectadores, foi desenvolvendo-se e ocupando cada vez mais espaço nas ruas das cidades brasileiras, integrando-se à vida da população. “O cinema foi e é de fundamental importância para a sociedade, influenciando no imaginário, nos hábitos e costumes das pessoas.” (PENA, BOUÇAS e NUNES, 2009, p. 874).

Neste artigo, o objetivo é analisar, através de memórias e percepções, como o cinema esteve ligado ao cotidiano popular e qual é a relação dessas pessoas que conviveram com o auge dos cinemas de rua em Juiz de Fora da década de 1950 até 1980.

Segundo Pierre Nora (1993), a definição de memória se opõe à de história. A memória é algo que surge em um grupo vivo no qual está inserida, permanecendo em constante evolução; já a história é uma reconstrução do passado, daquilo que não existe mais (NORA *apud* CAMPOS, 2014, 17).

As percepções e memórias aqui retratadas foram extraídas do projeto “Memórias Possíveis”, cujo objetivo é registrar e divulgar as memórias de moradores e figuras emblemáticas da cidade de Juiz de Fora, através da gravação de depoimentos de história de vida. De acordo com Alistair Thomson (1997), recordar é um dos principais processos de auto identificação enquanto narra-se uma história. “Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado” (THOMSON, 1997, 57)

A exatidão das histórias é questionada pela percepção, ou seja, o processo de atribuir significação às memórias. É como afirma Rudimar Baldissera (2008) “pois, pela percepção e imaginação, [o homem] tenderia a objetivar e a atribuir significação ao mundo, distinguindo-se dele.” Baldissera continua afirmando que é a partir de nosso repertório e de



nossas competências psíquicas, cognitivas, fisiológicas e ecossistêmicas que estabelecemos conceitos.

Quem melhor para traçar um retrato da época em questão do que as pessoas que nela viveram? Enquanto contavam suas vivências, os narradores identificavam sua relação com os filmes e o cinema e é a partir desse ponto de vista que analisamos a forte presença do cinema no cotidiano da época.

Memórias do cinema em Juiz de Fora

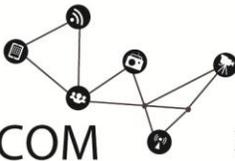
Em 1927 surgia um dos componentes mais importantes para a cidade e para o estado, o Cinepopular criado por João Gonçalves Carriço. Com o slogan “do povo para o povo”, o Cinepopular convivia com mais outros quatro cinemas que existiam na cidade: Polytheama, Paz, Variedades e Ideal. Mas o Cine de Carriço tinha o objetivo de se popularizar, oferecendo baixo preço de ingressos, como destacou Haydee Santana Arantes.

Para Carriço, “filme que passava para um, passava para cem” (CARRICO apud GOMES, 2008, p.156). Com preços reduzidos, o Cinepopular atraía as principalmente as massas de trabalhadores que encontravam em suas salas diversão a baixo custo. Carriço não fazia distinção entre seu público, sendo todos bem-vindos, mesmo aqueles que não podia pagar como mendigos e crianças de rua. (ARANTES, 2014, p.24).

Segundo Musse (2008), “as salas de Juiz de Fora ficavam lotadas nas sessões de sexta, sábado e domingo. Na época, havia nove cinemas, na cidade: Cine-Theatro Central, Palace, Excelsior, São Luiz, Popular, São Mateus, Rex e Paraíso, no centro, e Auditorium, em Benfica, bairro mais afastado”.

O cinema dos anos 1950 influenciou a geração de jovens especialmente. Como resgatou Arantes, “Em Juiz de Fora, o próprio ato de ir ao cinema carrega em si um significado social, pois era um hábito cultivado principalmente por pessoas de elite, em que tanto homens como mulheres se vestiam de maneira elegante para frequentarem as sessões.” (ARANTES, 2014, p.31).

O jornalista Ivanir José Yazbeck nasceu em Juiz de Fora em 22 de junho de 1941. Concedeu entrevista ao projeto “Memórias Possíveis” em 2013, lembrando momentos correlatos com o cinema de rua nos anos 1950.



Eu tomava pau todo ano na droga da Matemática, até que um dia consegui sair do quarto ano ginásial, me formei no Colégio São José. Aí fui para o primeiro científico. Na metade do ano, eu falei que não queria mais saber (...) e a minha cabeça era sempre voltada para aventuras, aventuras e mais aventuras. Aonde que eu via essas aventuras? No cinema! Daí sim vinha um comportamento. O que é que nós fazíamos, então, nessa época? Não tinha televisão... A televisão ainda incipiente, aquela coisa que não atraía ninguém, exceto quando era uma coisa muito (sic), sei lá, futebol, por exemplo, mas não segurava ninguém em casa, não prendia ninguém em casa, a televisão (...). O comportamento familiar começa a ser alterado. (...) Íamos para o centro da cidade. Centro da cidade era a Rua Halfeld, como ainda é, só que hoje um pouco mais ampliada e com outros espaços com mais atrações, que até a Rua Halfeld. (YAZBECK, 2013).

Amigo de Fernando Gabeira e Geraldo Mayrink, Ivanir Yazbeck considera que para a sociabilidade, o cinema era uma paixão para os jovens dos anos 1950. Para ele, o cinema moldava comportamentos.

O cinema exerceu para mim uma influência muito grande, digo até de comportamento mesmo. Acredito que em mim e em vários outros, como a televisão exerce. A televisão exerce uma influência muito grande no comportamento generalizado. O cinema tinha essa força. Hoje nem tanto, porque extrapolou todos os níveis de invenção, que é Guerra nas Estrelas e coisas e tal... Não dá para você ser influenciado por coisas como essa, ou essa violência exacerbada. Mas eu adorava. O momento que eu tirava dinheiro do bolso na bilheteria e comprava o ingresso, entrar no cinema e esperar as luzes apagar... Aquilo para mim é um momento mágico! Agora, você está sendo transportado para um outro mundo, completamente diferente desse que eu vivo, aqui agora. E se o filme era bom, e foram vários filmes que fizeram a minha cabeça, eu me sentia, como eu disse, em outro mundo e com a influência, a influência do comportamento, até no próprio palavreado nos gestos isso era inegável, isso é inegável. (YAZBECK, 2013).

Yazbeck nos deixa surpresos quanto à quantidade de salas de cinema na cidade e a quantidade de filmes disponíveis para serem assistidos.

Nesse tempo, olha, nós tínhamos o Cinema Central...(...) Glória, Palace, São Luís, Excelsior, São Mateus, Rex, Auditório e tinha um lá em Benfica, eu não vou me lembrar o nome dele, em Benfica. Não é que eu ia sempre, mas me lembro ter ido umas duas vezes. Filmes que eu perdia aqui, e os filmes eles passavam num cinema, nos principais cinemas que era o Central, o Palace e o Excelsior exibiam filme que era lançamento. Quando eles saíam de cartaz eles iam para esses outros cinemas, que eram nos bairros. O Rex era na Mariano Procópio. O São Mateus, como o próprio nome em São Mateus. O Auditório no Paraíso, Paraíso era no final da Rua São Mateus. Esse Auditório que era lá em Benfica se não me engano, o Popular que era na Getúlio Vargas, cujo os donos são pioneiros do cine jornalismo no Brasil. Um dos pioneiros. Dos Carriços filmes, eu digo os Carriços, porque havia o pai Carriço e o filho Carriço. Então, eram vários cinemas. Quer dizer, por dia, você tinha sete, oito



opções de filmes e eu via todos, todos, todos (sic), alguns com mais, outros com menos entusiasmo (...). (YAZBECK, 2013).

O também jornalista, Ismair Zaghetto, nascido em 30 de agosto de 1933, entrevistado em 2013 pelo projeto “Memórias Possíveis”, rememora experiências dos anos 1960. “É curioso que a gente lembra de detalhes, parece até piada, mas só não podia entrar descalço, mas um pé só podia, machucado, eu já entrei com o sapato de um e o colega com o sapato de outro” (ZAGHETTO, 2013)

O Cinepopular também vivenciou momentos importantes da política. Dias antes do golpe militar de 1964, Ismair Zaghetto lembra que o político Miguel Arraes realizou um comício na cidade. Aproveitando da aglomeração, militares já iniciavam a registrar pessoas suspeita de contrariar o regime que estava por vir.

(...) Então, Juiz de Fora estava muito tensa. Juiz de Fora recebeu Miguel Arraes uma semana ou duas antes do golpe. Miguel Arraes era inimigo terrível da chamada revolução democrática, porque era ali uma liderança popular lá do nordeste. Miguel Arraes veio aqui saudado pelo Mello Reis, que era presidente do DCE. (...) Então, a vinda do Miguel Arraes foi muito (sic). Tinha veículos militares na porta do Cinepopular. Palestra do Miguel Arraes! Uns caras estranhos, já tirando (sic) fotografia das pessoas. A coisa estava caminhando para o “64”. (ZAGHETTO, 2013)

A jornalista juiz-forana, Maria da Conceição Prazeres dos Santos, mais conhecida como Tuca, passou a infância na rua de um dos cinemas mais icônicos da cidade, o Cinema Rex. Localizado na rua Doutor Duarte de Abreu, nº 58, no bairro Mariano Procópio, o Cine Rex era uma das raras salas de cinema que funcionavam fora da região central da cidade. Segundo Franco Goia, o Cine Rex também foi um dos empreendimentos de exibição cinematográfica com a mais longa história de atividade, criado em 1925 e desativado em 1979. Maria da Conceição, Tuca, lembra momentos passados na rua do Rex em entrevista ao projeto “Memórias Possíveis” em 2013.

Eu morei lá até cinco anos, interessante que as minhas irmãs mais velhas, a Regina ela é dez anos mais velha do que eu, quando era criança era muita diferença, hoje em dia não é tanto mais. Mas havia uma necessidade, vamos dizer assim, de depurar o ambiente nos cinemas, funcionários de cinema em Juiz de Fora. Então, eles convidaram moças, assim, vamos dizer, de família certinha. Vamos dizer assim, para trabalhar no cinema, porque a barra estava muito pesada entre os funcionários, e as



minhas irmãs, a Regina foi ser baleira e a Maria foi ser bilheteira no Rex. (...) eu via todos os filmes possíveis e imagináveis, porque não tinha censura para mim não. Eu entrava e saía do cinema em tudo quanto é sessão. Ainda ganhava bala ainda. (SANTOS, 2013).

Tuca lembra que deixou de frequentar o Rex, mas ia visitar outras salas da cidade.

A gente ia muito ao cinema. No Rex já não ia mais. A gente ia no Glória, no Popular, no Central. Matinê Mickey era domingo, era invariavelmente, a minha irmã juntava a criançada toda da vizinhança, a mãe da Lavínia, a Regina, e ia embora para a matinê Mickey domingo no Central. (SANTOS, 2013).

A professora e artista plástica juiz-forana Valéria Faria registrou em entrevista ao projeto “Memórias Possíveis” em 2014, os tempos de cinema dos anos 1970 e 1980, período em que frequentava o Cine Paraíso. “(...) fui muito no Paraíso, adorava, que passava uns filmes que não passava em outro lugar, eu fui muito, achei uma dó ter fechado ali, eu lembro inclusive dele do cinema mesmo, tinha uns pinheiros na frente, (...), eu fui muito em cinema nessa época.” (FARIA, 2014)

O Cine Paraíso foi construído em 1951, na rua São Mateus n° 997, no bairro de nome homônimo. Sabe-se que ele foi construído por Orville Derby Dutra para gerar renda para o *Instituto Maria*, entidade de assistência social presidida pelo próprio Orville. Apesar de estar vinculado ao instituto, é sabido que o Cine Paraíso pouco exibiu filmes religiosos. No entanto, em 1953, o Paraíso exhibe um filme sobre a vida do monge agostiniano e professor de teologia germânico Martinho Lutero. O cinema foi o único da cidade que exibiu o filme, pois os outros cinemas submetiam a pressões da Igreja Católica a quem não interessava a exibição desta produção da cidade. Em abril de 1990, o Cine Paraíso foi definitivamente fechado pelo então Prefeito Carlos Alberto Bejani que alegou que a prefeitura não tinha dinheiro para pagar o aluguel.

Considerações Finais

A partir das memórias narradas pelos entrevistados, é possível explicitar algumas características gerais e funções do cinema da época. Em primeiro lugar, nota-se que os frequentadores buscavam um refúgio, um ambiente de distração dos problemas comuns da



rotina. Demandavam uma fuga da realidade, em que pudessem despertar seus imaginários e viver, mesmo que passivamente, outras histórias. Como cita Musse (2008, p.113): “No nosso ponto de vista, o cinema proporcionava o escapismo à realidade e fazia com que os jovens sonhassem, cada vez mais, com paraísos distantes, oásis habilmente construídos por Hollywood, a meca do cinema americano”.

Como uma consequência dessa demanda, era atribuída também ao cinema a função de influência no comportamento social. Como narrou Ivanir Yazbeck, os gestos e vocabulário popular sofriam alterações de acordo com os filmes que assistiam, como uma forma de trazer aquela realidade alternativa à sua própria realidade através da imitação da arte na vida. Era, então, o ponto de encontro de diferentes classes e tipos de pessoas.

Yazbeck é citado ainda por Musse (2008), desenvolvendo a influência do cinema. “(...)os filmes começaram a ser mais rebeldes, menos musicais e menos históricos. Atores como Marlon Brando... Saindo do cinema, nós procurávamos nos vestir como eles, os mesmos trejeitos, a forma de fumar”.(YAZBECK *apud.* MUSSE, 2008, p.121)

Nos depoimentos, são citados como frequentadores desde crianças de bairro até militares. O espaço dos estabelecimentos era utilizado como local de sociabilidade e até mesmo de confluência intelectual. O cinema era ativo e parte da cultura que atingia a todos os públicos.

O aspecto do cinema da época que perdura, de certa forma, até hoje é o clima ritualístico. A emoção de se comprar o ingresso, balas, refrigerantes e pipoca, acomodar-se na sala e aguardar as luzes se apagarem para, então, imergir em uma história desconhecida. O cinema era e ainda é o lugar mágico, capaz de despertar emoções variadas através da imagem projetada na enorme tela.

Hoje, atribuiu-se também o clima saudosista, relacionado, principalmente, aos cinemas de rua. Eles simbolizam uma época, cuja conexão sociedade/cinema era muito mais forte que a atual. A partir dos depoimentos, percebe-se a nostalgia ao reconstruir as imagens dos cinemas do passado e o quanto são positivas as memórias.

A partir dos anos 1950, e ao longo das décadas subsequentes, a presença cada vez mais marcante da televisão no dia a dia da população, a introdução do videocassete principalmente na vida doméstica e das TVs por assinatura fez com que o público de cinema reduzisse drasticamente.



Nesses anos em que, definitivamente, os cinemas de rua começaram a fechar maciçamente suas portas, houve uma migração das salas para os novos shoppings que estavam sendo construídos nos centros urbanos, que por sua vez eram decorrência de uma profunda modificação dos hábitos de consumo por parte da população brasileira. (ALMEIDA; BUTCHER, 2003, p. 54-59).

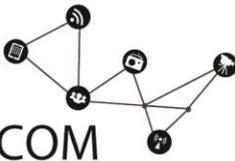
O cinema de rua perde espaço para os empreendimentos da construção civil ou são preenchidos por estabelecimentos comerciais de outra finalidade. Assim, os cinemas de outrora parecem se tornar coleção, objeto do passado, como diz Baudrillard (1975, p. 94), “[...] o objeto puro, privado de função ou abstraído de seu uso, toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção. Cessa de ser tapete, mesa, bússola ou bibelô para se tornar ‘objeto’”.

Ainda sobre o fechamento das salas de cinema de rua, a pesquisadora Márcia Bessa resiste em afirmar que estas salas não eram apenas lugares físicos de exibição, há algo mais sentimental intrínseco.

Não eram simplesmente salas de projeção. Eram espaços de socialização comunitária e de construção da cidadania. Uma parte importante de nosso patrimônio cultural vai sendo suprimida. Com o desaparecimento do circuito exibidor das vias públicas interditam-se lugares vitais de lazer e cultura urbanos na rua. E a vida vai sumindo das ruas. Elimina-se assim um ponto de encontro, um local de discussão, um espaço de vivência da diversidade. (BESSA, 2009)

Atualmente, Juiz de Fora conta com o Cinearte Palace como último remanescente dos cinemas de rua da época. O Palace foi inaugurado em 1948 e desativado em 1984, por conta da invasão das novas tecnologias de distribuição doméstica de filmes. Após 15 anos em inatividade, o cinema é reformado e reinaugurado, contando com outros espaços além das próprias salas, como cafeteria e ambiente cultural.

São intensas as transformações tecnológicas que modificam os cenários de produção e difusão de imagens, assim como novas formas de se consumir produtos, de se relacionar com pessoas e lugares. As cidades são referenciadas por relações sociais pautadas no e pelo consumo, o que delinea “novas” sociabilidades (BAUMAN, 2001). Estas novas sociabilidades são articuladas por sujeitos fluídos, aparentemente “soltos no mundo”, que romperam com as dicotomias sujeito-estrutura, tempo-espaço e local-global, e assim buscam uma reinvenção de si em constante (re)construção de identidades (HALL, 2003).



Referências

ALMEIDA, Paulo S.; BUTCHER, Pedro. **Cinema, desenvolvimento e mercado**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003.

ARANTES, Haydêe Sant'ana; MUSSE, Christina Ferraz. **Memórias do Cineclubismo: A trajetória do CEC – Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora**. 1. ed. – São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2014. 152 p.

BALDISSERA, Rudimar. **Significação e comunicação na construção da imagem-conceito**. In: Revista Fronteiras - estudos midiáticos. Vol. X Nº 3 - set/dez 2008. p. 193-200. Unisinos. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5397>>

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema de objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

BESSA, Márcia. **Entre achados e perdidos: memória dos cinemas de rua do Rio de Janeiro**. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro-RJ, 2009, p.2 . Anais disponíveis em:
<http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=229&Itemid=171> Acessado em 28 de outubro de 2014.

FARIA, Valéria. **Memórias possíveis**. Juiz de Fora. 2013. Depoimento concedido em 28 de abril de 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

HISTÓRIA do Cinema Brasileiro. Apresenta informações e histórico de salas de cinema espalhadas por todo o Brasil, ativas ou inativas. Disponível em <www.historiadocinemabrasileiro.com.br>. Acessado em 25 de outubro de 2014.



MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

PENA, João Soares; BOUÇAS, Rose Laila de Jesus; NUNES, Eduardo José Fernandes.

Cinemas de rua: um panorama sobre os cines pornôs no centro histórico de Salvador. In: IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro, 2009, p. 874. Anais...

Disponível em:

<<https://sites.google.com/site/seminarioposgeo2/anais/joaos.pdf?attredirects=0>> Acesso em 28 out. 2014.

SALAS de Cinema de Juiz de Fora. Apresenta informações detalhadas sobre as salas de cinema que já existiram ou ainda existem em Juiz de Fora. Disponível em

<<http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com.br/>>. Acessado em 25 de outubro de 2014.

SANTOS, Ana Clara Campos dos. **Memória e filmes domésticos em Super 8: a família Assis em Juiz de Fora – MG**. Juiz de Fora: 2014

SANTOS, Maria da Conceição Prazeres dos. **Memórias possíveis**. Juiz de Fora. 2013.

Depoimento (ou entrevista) concedido em 19 de novembro de 2013.

THOMSOM, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação da História Oral e as memórias. In: **Projeto História**. São Paulo, abr. 1997. p. 51-84

YAZBECK, Ivanir José. **Memórias possíveis**. Juiz de Fora. 2013. Depoimento (ou entrevista) concedido em 5 de novembro de 2013.

ZAGHETTO, Ismair. **Memórias possíveis**. Juiz de Fora. 2013. Depoimento (ou entrevista) concedido em 1º de outubro de 2013.